

Fragmentações das identidades profissionais de músicos educadores: políticas do trabalho e da profissão docente na América Latina

Euridiana Silva Souza
Escola de Música da UFMG
euridiana@gmail.com

Comunicação

Resumo: Partindo da realidade das políticas de trabalho e das realidades de atuação docente em música, tem-se como objetivo refletir sobre as fragmentações das identidades profissionais de músicos educadores no contexto da América Latina, levando em consideração o modelo de carreira portfólio, os processos de formação universitário para o trabalho e as necessidades de políticas na Educação Superior que contemplem de forma mais ampla a questão das demandas profissionais e de mercado. As reflexões que aqui se apresentam são um recorte, a partir dados das análises de conteúdo curricular em instituições de ensino superior em música no Brasil, México e Argentina, e de entrevistas com egressos dos cursos analisados, e inserem-se em uma pesquisa de doutorado sobre construção da identidade profissional de bacharéis em música que atuam no ensino.

Palavras chave: Identidade Profissional. Educação Musical Superior. Música e Trabalho.

Nuestra imagen actual: introdução ao tema

FIGURA 1: *Nuestra Imagen Actual* – David Alfaro Siqueiros



Inseridas em uma pesquisa de doutorado sobre a construção da identidade profissional de bacharéis em música que atuam no ensino, as reflexões que aqui se apresentam visam discutir as políticas abertas e veladas nas discussões da construção da identidade profissional da docência em música. Partindo de análises curriculares de cursos superiores em música e entrevistas com egressos inseridos no mercado do ensino, apresento questões sobre a constituição da carreira portfólio (SMILDE, 2008; BARTLEET et al, 2012) e a construção da identidade profissional; as perspectivas de desenvolvimento de liderança (RENSHAW, 2007), suas relações com as propostas curriculares dos cursos superiores em música e a construção identitária para o trabalho e no trabalho (DUBAR, 2005); as realidades das políticas do trabalho no atual fase do sistema capitalista na América Latina apoiados na Teoria Marxista da Dependência (TDM) (TRASPADINI, 2014) e sua influência direta sobre a construção da identidade profissional.

Estas reflexões sobre a educação e a docência em música, partindo da perspectiva do trabalho e da prestação de serviços, observam o momento histórico brasileiro, sob golpe parlamentar instituído em 2016, no qual o atual governo atua com uma agenda de desmonte de vários direitos através de reformas tanto trabalhistas quanto no sistema de educação (SILVA, 2017; SERQUEIRA, 2017; MELO & SOUSA, 2017; BITTENCOURT, 2016). Processos similares têm sido observados em outros países latinoamericanos, que, segundo análises político-econômicas, cumprem papéis determinados no sistema econômico global (RODRIGUEZ & MARTINS, 2007).

Dentro deste sistema emergem diferentes relações entre indivíduo e trabalho, e entre valor e preço da força deste trabalho. Os indivíduos que vivem em países de modernização tardia, como são Brasil, México e Argentina¹, encontram, na busca de seus interesses pessoais/profissionais, o dilema de um sistema que os coloca no centro do processo econômico enquanto consumidores, mas que, ao mesmo, tempo constrói um processo de precarização do trabalho com políticas de legalização do trabalho informal e com a instabilidade como motriz dos processos de emprego. O sentido de trabalho passa a estar atrelado com a ideia de

¹ Para esta análise os três países foram escolhidos por serem países de “Tipo A”, segundo a tipologia do desenvolvimento latinoamericano (BAMBIRRA, 1999), que tiveram seu processo de industrialização antes do pós-guerra, destacando-os como economias fortes no continente, e nos quais, posteriormente, o setor de serviços se desenvolveu com força econômica.

empreendedorismo nestas sociedades onde o setor privado mostra eficiência sobre o setor público.

Considerando este cenário, esta comunicação se articula em duas partes. A primeira destaca as realidades de fragmentação identitária a partir da carreira portfólio, evidenciando as lacunas nos discursos curriculares sobre as atuações profissionais. A segunda, destaca o valor do trabalho, suas políticas e relações econômicas que afetam diretamente a construção das identidades profissionais. Estas questões são colocadas para dialogar, como propõe a temática geral deste evento, sobre identidade e interação, uma vez que, enquanto região político-geográfica compartilhamos de realidades diferentes, mas próximas, ao pensarmos a totalidade da América Latina.

A conclusão deste texto pretende chamar à consciência a Educação Musical Superior latina, enquanto espaço de formação profissional e de pensamento crítico, que procure favorecer a justiça social não somente através de projetos de música para todos (que nos fazem questionar: qual música, qual reprodução de sistema?), mas também através de processos formativos pautados em uma justiça através da formação que considera o trabalhador em música, suas condições, seus direitos, sua identidade. Talvez a institucionalização destas questões em nível de formação profissional coopere para um processo formativo que transcenda a transmissão de técnicas e métodos de ensino e aprendizagem em música, estimulando a assunção de educadores musicais e músicos educadores conscientes de sua posição no mundo.

Sabemos que só é possível conhecer algo se o inserimos na história de sua formação, ou seja, no processo pelo qual ele se tornou o que é; assim é também com a consciência: ela não “é”, “se torna”. Amadurece por fases distintas que se superam, através de formas que se rompem, gerando novas, que já indicam elementos de seus futuros impasses e superações. Longe de qualquer linearidade, a consciência se movimenta trazendo consigo elementos de fases superadas, retomando, aparentemente, as formas que abandonou (IASI, 2007, p.12).

Atuação na docência em música: fragmentações identitárias pautadas na carreira profissional

A música, enquanto campo de ocupação e atuação, é uma das poucas áreas para as quais a inserção no mercado de trabalho não exige uma formação completa, e se levarmos em consideração a amplitude da música como fazer social, sua transmissão sequer exige uma formação escolarizada, como ocorre com a maioria das profissões (MORATO, 2009)².

Saber fazer é o que valida esta prática profissional socialmente, inclusive, é o que possibilita a inserção de músicos no mercado de ensino, os quais têm a oportunidade de ensinar porque mostram as habilidades técnicas em algum domínio musical (canto/instrumentos, por exemplo) (PEREIRA, 2013). A dimensão do trabalho docente nos múltiplos ramos que a educação, transformada em mercado, oferece, se encontra no início dos processos de socialização secundária e formação, “(...) começa-se a aprender a docência quando se experimenta a condição de aluno, isto é, desde a primeira escolarização. A construção do ofício docente se segue desenvolvendo no trabalho” (FANFANI, 2005, p.80, tradução minha). Esta observação de Fanfani legitima o discurso de muitos profissionais: *ensino como aprendi*³.

Embora seja uma área de mercado de fácil inserção e não ligada somente a instituições de ensino, podendo ser desenvolvida de forma autônoma, através de aulas particulares, presenciais ou à distância, não é uma área de fácil manutenção profissional, uma vez que, para ela há sempre uma grande concorrência de profissionais atuantes. Além deste fato, a docência é apenas uma das áreas de atuação em música e costuma ser exercida sem exclusividade dentro da carreira.

Como outros conceitos das ciências sociais, o de carreira possui uma ambiguidade ligada ao fato de colecionar uma ampla diversidade de definições.

² Observações que podem ser destacadas na regulamentação da profissão musical pelo Ministério do Trabalho no Brasil, através da Classificação Brasileira de Ocupações: “As ocupações da família requerem formação específica na área, seja ela formal (conservatórios, ensino superior, etc.) ou informal (estudo com profissionais de renome, por exemplo) (...). Trabalham com música popular e erudita em atividades culturais e recreativas, em pesquisa e desenvolvimento, na edição, impressão e reprodução de gravações. É comum atuarem concomitantemente no ensino. A grande maioria dos profissionais trabalha por conta própria, exceção feita aos poucos empregados registrados, vinculados a corpos musicais estáveis, em geral, estaduais ou municipais. O trabalho se desenvolve individualmente e em equipes, geralmente em horários irregulares, com deslocamentos constantes para exercê-lo”. Disponível em: <http://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/2626-musicos-compositores-arranjadores-regentes-e-musicologos>

³ Fala constante em entrevistas e questionários realizadas no primeiro semestre de 2017, com 22 egressos de Instituições de Ensino Superior brasileiras analisadas na pesquisa - UFMG, USP, FAMES e UFRJ; 2 egressos da Escuela Superior de Música Plantel Fernández Leal, 3 egressos da Escuela Superior de Música de Instituto Nacional de Bellas Artes, ambas na Cidade de México, e 2 egressos do Conservatorio Superior de Música de la Ciudad de Buenos Aires “Astor Piazzolla”.

Para citar poucos exemplos, carreira pode significar, ao mesmo tempo, emprego assalariado ou atividade não remunerada; pertencimento a um grupo profissional (sindicalizado ou não) ou a manifestação da mais pura idiossincrasia (a carreira de um artista); vocação (algo que alguém faz com alto nível de comprometimento afetivo) ou ocupação (algo que alguém faz por necessidade ou obrigação); posição em uma organização (associada a passagens por diversos cargos na hierarquia institucional) ou trajetória de um indivíduo que trabalha por conta própria; uma fonte de informação para as empresas alocarem recursos (humanos) ou então um roteiro pessoal para a realização dos próprios desejos (BENDASSOLLI, 2009, p. 388).

Levando em conta a ambiguidade, destaca-se a localização das trajetórias profissionais de músicos nas carreiras de modelo *portfólio*, que “permitem ao músico equilibrar opções de alto e baixo risco – por exemplo, atender necessidades artísticas através de trabalhos como *freelancer* enquanto se engaja, simultaneamente, em trabalhos de tempo parcial financeiramente mais estáveis em educação musical ou gestão de artes” (BARTLEET *et al*, 2012, p.35), ou seja, múltiplas atuações, com diferentes ganhos salariais, dentro de uma mesma área (SMILDE, 2008), que agrega. Neste modelo destaca-se, segundo BENDASSOLLI: “autonomia, criatividade, invenção e reinvenção do próprio trabalho; flexibilização da identidade individual; múltiplas zonas de expertise individual”, de um sujeito pós-moderno que tem o trabalho fragmentado em tempo parcial” (2009, p. 392).

Ao localizarmos estas colocações dentro do ambiente de formação acadêmica em música, e das disposições curriculares em diferentes universidades e conservatórios superiores do Brasil, México e Argentina⁴, para os cursos de bacharelado/ *trayecto artístico profesional*, que, ao contrário das licenciaturas/*professorados* não pressupõe a formação de professores, observamos que ainda prevalecem os projetos de formação com tendências ao *habitus conservatorial* (PEREIRA, 2013), que preserva a transmissão da técnica do fazer musical, a reprodução do sistema da música erudita de tradição europeia e de processos de formação **para** o trabalho através da instrumentalização em métodos e conteúdos mas, nem sempre, através de uma contextualização destes relacionados diretamente com a formação **no** trabalho e com as possibilidades de atuação em uma carreira de estilo portfólio. Os currículos apontam para uma formação em técnica artística sem complementos/disciplinas que instrumentalizem os estudantes para a gestão de suas carreiras pós-formados ou ainda em formação, que reflitam

⁴ Citados na nota anterior.

diretamente sobre mercado de trabalho, e mesmo sobre uma construção identitária da docência – poucas matérias voltadas para didática do instrumento, nem sempre obrigatórias nas grades curriculares.

Na atual fase da pesquisa, evidenciam-se sujeitos com fragmentações identitárias com relação à identidade docente que, talvez se justifiquem pela especificidade e multiplicidade de atuação na carreira em música, ou pelo fato de a música ser um fazer não exclusivamente profissional.

Cada configuração identitária assume hoje a forma de um misto em cujo cerne as antigas identidades vão de encontro as novas exigências da produção e em que as antigas lógicas que perduram entram em combinação e às vezes em conflito com as novas tentativas de racionalização econômica e social (DUBAR, 2005, p.330).

Estas fragmentações podem ser ilustradas pelas crises de identidade profissional que se estabelecem nos embates entre expectativa e realidade de formação e atuação - *“Nunca me imaginei professor de música. Queria tocar. Estou aqui pelo dinheiro, e ainda vou viver só da performance”* (egresso do curso de viola, UFMG); pelos poucos espaços de discussão oficial (espaços curriculares) para se pensar carreira no processo de formação e de atuação enquanto se está atuando – realidade dos músicos que, no geral, já trabalham com música antes mesmo de ingressarem em cursos superiores (SALGADO E SILVA, 2005); entre outros fatores que, não exclusivos, mas de forte impacto, influenciam os processos de construção das identidades profissionais sistemas e políticas de emprego e trabalho (DUBAR, 2005), como são os ganhos salariais - *“Hice el curso de enfermería obstétrica para mantenerme financieramente también. No conseguí mantenerme sólo con la música, incluso dando muchas clases. Pero no abandono la música como profesión”* (egresso do curso de canto, ESM – Instituto Nacional de Bellas Artes, CDMX).

A prestação de serviços, as políticas de regulamentação do trabalho e o ensino como ocupação: “há que se pagar as contas”

Partimos aqui, da dependência como eixo estruturante permanências e mudanças nas realidades sociopolíticas da América Latina.

Mas o que é a dependência? É a razão de ser do desenvolvimento do capitalismo na América Latina. Processo que retrata a especificidade do capitalismo sui generis latinoamericano, inerente à dinâmica geral de funcionamento do capital. Particularidade que integra a totalidade do movimento do capital, fazendo com que o próprio, América Latina, se torne refém da lógica reprodutora do capital no âmbito mundial. Um dos movimentos explicativos da dependência refere-se aos mecanismos de transferência de valor (TRASPADINI, 2014, p.30).

A produção do valor pauta-se, atualmente, sobre a flexibilidade do trabalho, guiado por posições e ocupações majoritariamente sem direitos trabalhistas, mas com ganhos financeiros. Estar nesta situação não é opção dos indivíduos, embora muitos creiam que assim seja; faz parte da lógica da estrutura do sistema capitalista, que é oportunista no lucro, não nos princípios morais. Neoliberalismo e neodesenvolvimentismo⁵ são “novos” discursos políticos que se estruturam sobre velhas bases que remontam a década de 1970, com o estabelecimento da democracia burguesa de mercado. Ao observarmos as propostas dos programas de trabalho e emprego na América Latina, citando especialmente o PREALC (*Programa Regional del Empleo para América Latina y el Caribe*), é importante ressaltar que, de alguma maneira, acreditou-se em um desenvolvimento que levasse à diminuição do setor informal (OLIVEIRA & PRONI, 2016, p. 62). Com as mudanças econômicas posteriores ocorridas ainda nos anos setenta e a apresentação de uma “nova” fase do capitalismo, definida agora totalmente pelo mercado, observa-se que esta crença não se efetivou, muito antes pelo contrário.

Na história do desenvolvimento econômico e das relações de trabalho, a partir dos anos 2000, consolida-se a mudança no discurso sobre a informalidade. Sucumbindo às imposições do capitalismo em sua fase superior e à nova ordem econômica internacional, “(...) a informalidade passou a ser interpretada como resultado do excesso de rigidez da legislação trabalhista, como consequência inexorável do processo de transição para uma economia de serviços e/ou como expressão de arranjos mais flexíveis” (OLIVEIRA & PRONI, 2016, p.72). Os autores argumentam ainda que a flexibilização nas relações e nos mercados de trabalho, ao lado da condição minarquista do Estado, contribuíram para recriar a informalidade “sob novas formas: relações de

⁵ Como “simulacro do desenvolvimento” e “mais do que uma nova tendência do pensamento econômico com fôlego para se expandir a outras praças e resistir à prova do tempo, a onda neodesenvolvimentista está diretamente relacionada às intrigas e conspirações palacianas entre as duas facções que disputam o controle da política econômica brasileira: a monetarista — braço direito do neoliberalismo — e a autoproclamada “desenvolvimentista” — braço esquerdo da ordem” (SAMPAIO Jr., 2012, 678).

emprego disfarçadas na figura de pessoa jurídica (PJ), falsas cooperativas, relação de emprego triangular, falso trabalho voluntário no terceiro setor, estágio desfigurado, trabalho autônomo proletarizado e contratações por tempo determinado” (Op. Cit, p.71-72).

Este desenvolvimento da prestação de serviços, na qual se encontram muitos professores de música que atuam na educação especializada (26 dos 29 entrevistados até o momento, e muitos mais com os quais convivo profissionalmente, me incluindo) acha lugar na história da intensificação das periferias e do desenrolar de novas dependências entre os mais e os menos privilegiados. Estas reflexões buscam encontrar lugar no espaço da Educação Musical Superior, para que, para além de formar profissionais capacitados didático e metodologicamente, os profissionais se formem conscientes das realidades sócio-políticas da profissão que escolheram seguir.

A lacuna entre realidade da profissão e formação nos cursos superiores é apontada por muitos dos profissionais entrevistados e pode ser ilustrada por depoimentos como: *“Depois que me formei não sabia o que fazer, não sabia nada sobre formas de contrato, e fui contratado por um valor mais baixo em carteira, para que tivesse meus outros direitos garantidos. Se quisesse receber mais teria que trabalhar informalmente. Isso nunca foi discutido durante a minha formação”* (egresso do curso de violino – UFMG).

Estar inserido em uma carreira fragmentada, tendo a diversidade de atuação como *modus operandi* do próprio ato de trabalhar, intensifica a fragmentação identitária, possibilitando situações de mal estar com a profissão. Assim, na construção da identidade profissional, parte da carreira poderá ser assumida somente enquanto ocupação (TARDIFF, 2014), e não com um comprometimento de desenvolvimento e profissionalização ⁶.

O termo “profissionalização” não se emprega aqui como sinônimo de qualificação, conhecimento, capacidade, formação, e outros traços associados, *mas* como expressão de uma posição social e ocupacional, da inserção em um tipo determinado de relações sociais de produção e de processo de trabalho (ENQUITA, 1991, p.41).

Essas ocupações acontecem com frequência, segundo dados da pesquisa, com a atuação no ensino, com bacharéis que querem construir carreiras na área de performance, mas se ocupam

⁶ A fala *“estou temporariamente trabalhando como professor, mas ainda vou viver só da performance”*, já mencionada, pode ilustrar um professor de ocupação.

em ensinar, porque, afinal, *há que se pagar as contas*. Esta expressão evidencia, em nível de microeconomia, as relações de dependência que se estabelecem como fio condutor de política e sociedade na América Latina. Dependências que estarão localizadas, por exemplo, na composição do salário, não mais fixo, mas também dependente da própria exploração que o trabalhador exerce sobre si – quanto mais horas trabalhadas, mais ganho monetário. Ganhos que não corresponderão, necessariamente, ao valor real de seu trabalho, uma vez que, no setor das prestações de serviços as regulamentações são flexíveis e partem, geralmente, do empregador, ficando o empregado sem proteções trabalhistas, conforme as cláusulas contratuais.

Responsabilidades da Educação Musical Superior: desenvolvimento de liderança musical e agenda de formação

Embora lidando com suas muitas crises – de hegemonia, legitimidade e institucionalidade (SANTOS, 2004), a universidade ainda se constitui como lugar de destaque nos processos de formação, mesmo que as questões da temporalidade da formação universitária para o trabalho e da formação para o trabalho nos moldes da administração, enquanto discussão vigente no processo de capitalização e mercantilização da educação, tente dizer o contrário. Há que se lidar, no entanto com as políticas que estão transformando o ensino superior e a universidade em um “serviço a que se tem acesso, não por via da cidadania, mas por via do consumo” desenvolvidas a partir “da ideologia centrada no indivíduo e na autonomia individual” (SANTOS, 2004, p. 16-17). No indivíduo que se fragmenta sua identidade ou a oculta atrás de sua força de trabalho, como sugere *Nuestra imagen actual*.

Não como alternativa, mas como ação consciente de adaptabilidade a este sistema RENSHAW (2007) destaca a necessidade de se desenvolver mecanismos de adaptação e conscientização dos profissionais da área de música a estes “novos” contextos, ressaltando que uma boa formação de músicos deve ser completa, contemplando o autoconhecimento, a capacidade de analisar e reagir ao mercado profissional, de criar motivações e gerar habilidades para um desenvolvimento significativo. Suas premissas desenvolvem-se a partir do conceito de liderança musical, que, além de compreender os valores humanísticos mais gerais envolvidos nos

processos e práticas grupais, visa a formação/desenvolvimento de um músico multicompetente que pode desempenhar muitos e diferentes papéis, ou seja, de um músico consciente das condições profissionais da área, das realidades da carreira portfólio, que tem “jogo de cintura” para lidar com tais condições. Um discurso para preparar profissionais segundo os princípios neoliberais vigentes no mercado de trabalho.

Juntamente com estas proposições vemos outras iniciativas, como o estabelecimento de uma “Agenda para formação em carreira portfólio” (BARTLEET *et al*, 2012), desenvolvido pelo sistema de Educação Musical Superior na Austrália. Não me interessa aqui considerar estas iniciativas e indicações como um “dever ser”, nem como modelos a serem seguidos à risca, mas como sugestões e opções de iniciativas da Educação Musical Superior para as reflexões entre trabalho e do trabalhador em música.

Talvez, uma articulação da Educação Musical Superior da América Latina, em ações que compreendam as realidades das políticas de formação e trabalho em música no continente, possa se estabelecer a fim de oferecer um ensino localizado sócio, político e economicamente na realidade do contexto. Para tanto, necessitamos de revisões epistêmicas que nos coloquem no centro do nosso próprio processo, e não como reprodutores de valores e ideologias de um passado e de uma terra distante.

Afinal,

Todo o esforço analítico não teria nenhum sentido se somente se fizesse para satisfazer uma simples curiosidade. Há que ser consciente de que uma melhor compreensão da condição docente [e da condição geral do trabalho em música] nas circunstâncias atuais só vale a pena se serve para orientar políticas educativas “progressistas”, isto é, orientadas para a redução de desigualdades em matéria de apropriação de conhecimentos socialmente relevantes (FANFANI, 2005, p.27).

Referências

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Andréa Sathel M. da Silva (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTLEET, Brydie-Leigh; BENNETT; Dawn; BRIDGSTOCK, Ruth; DRAPER, Paul; HARRISON, Scott; SCHIPPERS, Huib. Preparing for portfolio careers in Australian music: setting a research agenda. **Australian Journal of Music Education**, 2012:1, 32-41.

BAMBIRRA, Vania. **El capitalismo dependiente latino-americano**. 15ª ed. Siglo XXI: CDMX, 1999 [1974].

BITTENCOURT, Renato N. Golpismo, doença congênita do facismo. **Revista Espaço Acadêmico**, São Paulo, n.180, maio 2016, p.

BENDASSOLLI, Pedro F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **RAE**, n.4, v. 49, 387-400 out./dez. 2009, São Paulo.

ENGUITA, Mariano F. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n.4, p.41-61, 1991.

FANFANI, Emílio T. **La condición docente**: datos para el análisis comparado: Argentina, Brasil, Perú y Uruguay. Buenos Aires: Siglo Vientiuno, 2005.

IASI, Mauro L. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MELO, Adriana A. S.; SOUSA, Flávio B. A agenda de mercado e a educação no governo Temer. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 25-36, ago. 2017.

MORATO, Cíntia T. **Estudar e trabalhar durante a graduação em música**: construindo sentido sobre a formação profissional do músico e do professor de música. 2009. 307f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, Tiago; PRONI, Marcelo W. Um mercado de trabalho heterogêneo e flexível: um problema persistente no Brasil. **Revista da ABET**, v. 15, n. 2, Julho a Dezembro de 2016, p. 60-86.

PEREIRA, Marcus V. M. **O ensino superior e as licenciaturas em música**: um retrato do habitus conservatorial nos documentos curriculares. Campo Grande: Ed. UFMS, 2013.

RENSAHW, Peter. Lifelong Learning for Musicians; Critical Issues arising from a Case Study of *Connect*. In: Mak, P.; Kors, N.; Renshaw, P. Formal, non-formal and informal learning in music. **Lectorate Lifelong Learning in Music**. Netherlands, jan.2007, p.28-49.

RODRÍGUEZ, Margarita V.; MARTINS, Liliana G. A. Ensino superior na América Latina e a globalização da racionalidade capitalista. **Revista Diálogo Educacional**, 2007, 7, Mayo-Agosto. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116806004>>

SALGADO E SILVA, José Alberto. **Construindo a profissão musical: uma etnografia entre estudantes universitários de música**. 2005. 289f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Música, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2005.

SAMPAIO Jr., Plínio A. Desenvolvimentismo e neodesenvolvimentismo: tragédia e farsa. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 112, p. 672-688, out./dez. 2012

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no século XXI**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SERQUEIRA, Beatriz. Reformas trabalhistas. **Pensar a Educação em Pauta**, Belo Horizonte, ano 5, nº 160, sexta-feira, 19 de maio de 2017. Entrevista. Disponível em: <http://www.pensaraeducacao.com.br>. Pensar a Educação, Pensar o Brasil (FaE-UFMG)

SILVA, Anaelise. O desmonte da educação no governo Temer. **Pensar a Educação em Pauta**, Belo Horizonte, ano 5, nº 160, sexta-feira, 19 de maio de 2017. Entrevista. Disponível em: <http://www.pensaraeducacao.com.br>. Pensar a Educação, Pensar o Brasil (FaE-UFMG).

SMILDE, Rineke. The music profession and the professional musician; a reflection. **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 19, n. 32/33, 110-117, janeiro a dezembro 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TRASPADINI, Roberta. Dependência e luta de classe na América Latina. **Argumentum**, Vitória (ES), v. 6, n.2, p.29-43, jul./dez. 2014.